

# Escrevo com o corpo: (inter)corporeidade em “A hora da Estrela”, de Clarice Lispector – uma teorização comparatista biográfica-fronteiriça

I write with the body: (inter)corporeity in "A hora da Estrela", by Clarice Lispector – a biographical-border comparative theorizing

Marina Maura de Oliveira  
*Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil*  
<https://orcid.org/0000-0002-2324-7829>

e-mail: [marina.m.noronha@gmail.com](mailto:marina.m.noronha@gmail.com)

Edgar César Nolasco  
*Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil*  
<https://orcid.org/0000-0002-8180-585X>

e-mail: [ecnolasco@uol.com.br](mailto:ecnolasco@uol.com.br)

Recibido: 28/09/2021  
Aprobado: 21/11/2021

## RESUMO

O trabalho visa discutir a partir de uma teorização comparatista biográfica-fronteiriça sobre a presença da (inter)corporeidade (Pessanha, 2018) dos corpos que encenam na obra *A hora da estrela* (2020) da escritora Clarice Lispector. A ideia é realizar uma leitura outra, contrapondo aos moldes teóricos acerca da “literatura comparada” dita, tradicional ocidental/moderna. Para alcançar o objetivo do trabalho, a base teórica empregada é a crítica biográfica fronteiriça (Nolasco, 2015), além dos conceitos como desobediência epistêmica (Mignolo, 2017); intercorporeidade (Pessanha, 2018) e desprendimento (Mignolo, 2017), serão fundamentais para que embasemos nossas reflexões teóricas em uma epistemologia outra, a exemplo, a da fronteiriça-sul, propondo que sejamos desobedientes e nos desprendemos dos conceitos criados para delimitar as corporeidades, os lugares, os saberes e as culturas. A partir disso, abordamos nossas reflexões considerando os corpos outros como conceitos de uma episteme cultural, portanto, detenho-me na prática de teorização comparatista biográfica-fronteiriça a fim de pôr em “comparação” os corpos fronteiriços a partir da inscrição (inter)corporal descolonial do livro *A hora da estrela* em que a autora supostamente nos adverte sobre a presença dos corpos do autor-narrador-personagem Rodrigo S.M., o corpo da protagonista Macabéa e o corpo da autora Clarice Lispector. Na esteira disso, a primorosa obra é a que mais aproxima Clarice Lispector do existencialismo, com sua inscrição autoral/corporal. Por fim, entre os teóricos que embasam a metodologia adotada, sobressaem-se os críticos, como Walter Mignolo (2017), Edgar César Nolasco (2015) e Juliano Pessanha (2018).

*Palavras-chave:* Teorização comparatista biográfica-fronteiriça; crítica biográfica fronteiriça; intercorporeidade; *A hora da Estrela*.

## ABSTRACT

The work aims to discuss from a biographical-border comparative theorization about the presence of (inter)corporeity (Pessanha, 2018) of the bodies that act in the work *A hora da Estrelas* (2020) by writer Clarice Lispector. The idea is to perform a different reading, opposing the theoretical molds about the so-called “comparative literature”, traditional western/modern. To achieve the objective of the work, the theoretical basis employed is border biographical criticism (Nolasco, 2015), in addition to concepts such as epistemic disobedience (Mignolo, 2017); intercorporate (Pessanha, 2018) and detachment (Mignolo, 2017), will be fundamental for us to base our theoretical reflections on another epistemology, for example, that of the southern border, proposing that we be disobedient and detach ourselves from the concepts created to delimit corporeality, places, knowledge and cultures. From this, we approach our reflections considering the other bodies as concepts of a cultural episteme, therefore, I focus on the practice of biographical-border comparative theorizing in order to “compare” the border bodies from the (inter)corporal inscription decolonial from the book *The Hour of the Star* in which the author supposedly warns us about the presence of the bodies of the author-narrator-character Rodrigo SM, the body of the protagonist Macabéa and the body of the author Clarice Lispector. In the wake of this, the exquisite work is the one that brings Clarice Lispector closer to existentialism, with its authorial/corporal inscription. Finally, among the theorists who support the adopted methodology, critics such as Walter Mignolo (2017), Edgar C  zar Nolasco (2015) and Juliano Pessanha (2018) stand out.

*Keywords:* Biographical-border comparative theorizing; border biographical critique; intercorporate; The hour of the Star.

## INTRODUÇÃO

Nos duetos pr  -objetivos e formativos, constitutivos da vida, o outro é o complementar íntimo e o g  nio aliado, mas nunca um objeto. Objeto é aquilo cuja ‘deixabilidade’ afeta a consistência do objeto. Já a perda do complementar íntimo   de natureza, pois ela é simultaneamente a perda do sujeito em vias de constituição. (Pessanha, 2018, p. 113).

Escrevo porque sou um desesperado e estou cansado, não suporto mais a rotina de me ser e se não fosse a sempre novidade que é escrever, eu me morreria simbolicamente todos os dias. Mas preparado estou para sair discretamente pela saída da porta dos fundos (Lispector, 2020, p. 42).

Este trabalho está pautado na teorização comparatista biográfica-fronteiriça, cujo ato comparatista parte de um pensamento político, social,  tico e est tico a partir da obra *A Hora da Estrela* (2020) da escritora Clarice Lispector, engendro, um exercício de teorização que privilegie a encenação de uma (inter)corporeidade de corpos na construção narrativa do livro. Diante ao pressuposto optei por uma prática epistemológica comparatista biográfica-fronteiriça na área dos estudos culturais (Descoloniais, fronteiriços) e biográficos (crítica biográfica) pensada a partir da fronteira-sul, do meu lócus geoist rico de onde penso/escrevo epistemologicamente.

Vale ressaltar, que a literatura comparada aqui em reverificação dispõe do que conceituamos de teorização comparatista biográfica-fronteiriça um pensamento outro, esboçado a partir da fronteira-sul, fronteira geoist rico-epist mica (Paraguai/Bolívia). Este estudo se deu no grupo de pesquisa (NECC– UFMS) Núcleo de Estudos Culturais Comparados embasados na crítica biográfica fronteiriça (Nolasco, 2015) uma reflexão crítica que estende a discussões para tratar a vida de todos a partir (viver com-, viver com a Natureza e com o corpo situado num lugar, no caso na fronteira-sul) (Nolasco, 2020, p. 262).

Partindo do princípio de que esta teorização comparatista biográfica-fronteiriça opõe à ideia de métodos que muitos comparatistas continuam a debater-se, em nível teórico, com os mesmos problemas (Perrone-Moisés, 1990, p. 91) e que define a velha discussão comparatista, logo ao invés de me deter exclusivamente na sua definição, busco mostrar a problemática

acerca da conceituação da literatura comparada, pensando numa atualização que Leyla Perrone-Moisés pontua, para uma transformação radical (Perrone-Moisés, 1990, p. 91-92), e que está alicerçada a partir do que formulei de teorização comparatista biográfica-fronteiriça. Tal proposição justifica-se por visar uma reflexão de comparação conceitual a partir das semelhanças-na-diferença (Mignolo, 2003), pois desde o princípio a disciplina de Literatura Comparada se deu por meio da comparação a partir dos estudos pós-coloniais numa visada de que comparar é sempre ver semelhanças e diferenças (Perrone-Moisés, 1990, p. 96).

De acordo com a Literatura Comparada antecipo pensar a partir do corpo não moderno, mas da ótica do “corpo epistêmico fronteiriço”<sup>1</sup> como corpo produtor de conhecimento por (re)significar e estar apoiado em seu lócus de enunciação. Ainda acerca do corpo estabeleço uma relação (inter)corporal descolonial com aproximação significativa dos corpos que se encenam no livro de Lispector, podendo ser trabalhados nas semelhanças-na-diferença por uma leitura que emerge da exterioridade subvertendo a ideia de semelhanças e diferenças pensada pela literatura comparada universal vinculada às influências externas que insensivelmente os estudiosos efetuavam as suas análises. (Candido, 1993, p. 211).

Ressalta-se a importância de um estudo comparatista outro contrapondo à forma comparatista literária apresentada “ainda hoje com certo anacronismo, carregando, apesar das constantes tentativas de atualização, um ranço de século XIX” (Perrone-Moisés, 1990, p. 91) como se refere Leyla Perroneania-Moisés em seu estudo comparatista. Nesse sentido, penso comparativamente na atualidade a partir de biografias, de epistemologias fronteiriças de biólócus, visando a presença dos corpos fronteiriços que se encenam na obra de Lispector, “[...]especificamente quando se percebe que a crítica clariciana brasileira não acompanhou devidamente o lugar e papel ainda ocupado pela obra dentro da realidade crítica brasileira e do Brasil” (Nolasco, 2021, p. 10).

## **INTERCORPOREIDADES EM “A HORA DA ESTRELA”**

Este estudo de teorização comparatista biográfica-fronteiriça proposto por uma leitura comparatista descolonial a partir da obra *A hora da estrela* (Lispector, 2020) de Clarice Lispector, que adverte-nos a encenação a partir da (inter)corporeidade de corpos na construção narrativa do livro. Embasada, sobretudo, nos postulados teóricos da Crítica biográfica fronteiriça (Nolasco, 2013) e considerando as biografias existentes sobre a escritora, a teorização adotada deter-se-á nos conceitos fundamentais: desprendimento (Mignolo, 2017), Intercorporeidade (Pessanha, 2018) e Desobediência epistémica (Mignolo, 2010; Anzaldúa, 2007).

Ressalto que tais conceitos, se, por um lado, parecem delimitados, por outro, são amplamente trabalhados dentro da teorização descolonial que, pode nos contemplar aproximando mais das questões sociais, culturais e políticas pensadas pela escritora. Também não é demais observar que outros conceitos se agrupam em torno desses, estabelecendo, por sua vez, a necessidade de os trabalhar, no decorrer dessas reflexões. Mesmo que de forma breve para tratar de questões tão complexas referente a obra aqui eleita, deve-se observar que, se, por um lado, a obra toda da intelectual Clarice Lispector já foi estudada em demasia, por outro, salienta-se que na visada teórica aqui proposta por uma teorização comparatista biográfica-fronteiriça não consta nenhum trabalho crítico relevante a respeito. Nesse sentido, merece

---

<sup>1</sup> A ideia de corpo epistêmico fronteiriço está assentada na formulação de espaços ocupados por corpos não reconhecidos e que não “existem” para o pensamento ocidental moderno que estabeleceu um modelo de corpo cientificista a ser per(seguido) que se pensa hegemonicamente, por isso existe.

destaque o trabalho de Facundo Giuliano, intitulado “La pregunta que luego estamos si(qui)endo: manifestaciones de una cuestion ética-geopolítica” (Giuliano, 2018, p. 11-68).

Portanto assentada nessa visada conceitual de teorização comparatista biográfica-fronteira, e sem desconsiderar a bibliografia teórica conceitual e literária sobre a obra em questão e sobre a escritora, o estudo volta-se, sobretudo para um método cuja reflexão buscada resultar numa teorização comparatista de ordem conceitual descolonial, que não exclui e não delimita as corporeidades, os lugares, os saberes e as culturas como forma de lançar o corpo a partir de uma leitura da obra sob a chave da descolonialidade. A discussão se volta para a presença do corpo do personagem-autor-narrador Rodrigo S.M e sua relação com a presença do corpo autoral da escritora Clarice Lispector. Nesse ponto em particular, a reflexão centra-se na comparação entre as vozes e os corpos ali presentes, demandando a necessidade de se deter, por exemplo, no conceito de “desprendimento” antes mencionado. Por conseguinte, a presença do corpo da própria escritora Clarice Lispector e a relação desse corpo com o corpo da protagonista Macabéa.

Aqui, tais relações intercorporeais dá-se por meio de uma relação biográfica, uma vez que a trajetória de uma espelha, em parte, a trajetória da outra. Não por acaso que estudiosos da escritora consideram a história narrada em *A hora da estrela* como uma biografia ficcional da escritora. Ainda nessa direção, buscamos contornar em torno do modo como o corpo da protagonista Macabéa se inscreve e se movimenta acompanhando as alterações do próprio modo de narrar empreendido por Rodrigo S.M/Clarice Lispector. Ressalte-se que em ambos os casos a discussão não se descuida da relação intercorporeia que acontece na estrutura da própria escritura por toda a narrativa.

O título deste artigo — *Escrevo com o corpo* (Lispector, 2020) — é uma afirmação feita pelo narrador-autor-personagem Rodrigo S.M, de *A hora da estrela*, novela da escritora brasileira Clarice Lispector (1920-1977). Tomamos tal assertiva como estofa para toda nossa discussão proposta no artigo por entender que ela contempla, e ilustra, de forma satisfatória os objetivos e que justifica nossa reflexão como um todo. Inicialmente, ao assumir que escreve com o corpo, o autor-narrador-personagem Rodrigo S.M adverte-nos de que vários corpos e várias personae se encenam em seu lócus enunciativo e se inscrevem na escritura da novela.

Considerando que nosso estudo se centra no entorno de comparar e, na medida do possível, nomear os corpos que ancoram tais vozes e discursos, levando-se, por conseguinte, a justificar, num primeiro momento, o subtítulo desse nosso trabalho – (inter)corporeidades em *A hora da estrela* – sobressai-se, inicialmente, uma interposição de vozes que se enunciam no plano da narrativa, vindo-nos a indagar, enquanto leitores da narrativa e estudiosos da literatura da escritora, quem de fato fala inicialmente desde o começo da narrativa do livro: Rodrigo S.M ou Clarice Lispector, ou vice-versa? Aqui vamos deter-nos na questão, e já como forma de um primeiro entendimento que justifique a importância do estudo, lembramos que a novela se abre por uma “Dedicatória do Autor”, trazendo entre parênteses a informação “(Na verdade Clarice Lispector)”. Esboça-se aqui, por conseguinte, uma possível hipótese que nosso estudo levanta e que pretendemos chegar a no mínimo um consenso: quem fala na narrativa? Ou quem fala mais na construção da narrativa? Ou há simplesmente uma interposição de vozes tramando o lócus enunciativo? Entendemos que qualquer resposta agora nesta reflexão seria apressada e não responderia satisfatoriamente a questão, considerando. Logo, somente por meio do estudo aqui proposto, que podemos chegar a uma resposta mais satisfatória acerca do que aqui apenas vislumbramos.

Como percebemos na leitura do livro que um jogo de corpos e de vozes, de loci enunciativos de personae se insinuam na construção da narrativa da novela que ancora e sustenta a escritura e a história em si, entendemos que para a fundamentação teórica aqui proposta seria importante indagar-se acerca de um corpo, ou corpos, epistêmicos fronteiriços.

Justificamos o motivo do recorte epistemológico, como mais uma forma, inclusive, de pontuar a relevância de nosso estudo aqui proposto: a rubrica “corpos epistêmicos fronteiriços” atende, por sua vez, à diversidade (Mignolo, 2003) da inscrição de diferentes corpos no plano da narrativa: num primeiro momento, temos a inscrição de um escritor homem, Rodrigo S.M, que cuja condição é falhada, subalternizada, vindo ele inclusive a afirmar que vai escrever a vida da insignificante protagonista Macabéa como forma de angariar para si um lugar definitivo na sociedade, já que era um escritor que não desfrutava de um reconhecimento literário; num segundo momento, podemos dizer que temos a própria escritora Clarice Lispector propondo (e escrevendo) a história de Macabéa narrada pela voz e perspectiva de um escritor-homem porque, segundo ela mesma adverte, uma escritora mulher podia lacrimejar piegas. Não temos de fato a escritora falando na narrativa, mas há todo um jogo de interposição e de encenação de vozes no plano do discurso que nos permite entrever ali a presença da escritora Clarice Lispector com seu bios enquanto uma escritora – mulher, feminina, que ironiza e dá mesmo uma gargalhada quando deixa a vida da insignificante Macabéa nas mãos do escritor – homem Rodrigo S.M; num terceiro momento, podemos pensar que a vida e a condição na qual se encontra a protagonista da novela, de uma forma muito específica, mimetizam a vida da própria escritora, quando consideramos que Macabéa vem dos Macabeus do Velho Testamento e está também para a condição de judeidade que marcou toda a travessia da pequena Clarice desde a Ucrânia (1920) até o litoral brasileiro (Alagoas).

Também não se pode desconsiderar que a trajetória da infante Macabéa do Nordeste brasileiro para a capital do país, o Rio de Janeiro, espelha a trajetória vivida pela jovem menina Clarice Lispector em anos anteriores. Nesse sentido, vale a pena lembrar do livro *Entre passos e rastros* (2003), de Berta Waldman, principalmente o capítulo dois intitulado de “O estrangeiro em Clarice Lispector, no qual a autora rastreia a trajetória da escritora e que, de forma bastante sutil e biográfica, alude à trajetória da própria Macabéa.

Afora as três situações pontuadas, nas quais temos o jogo que intercorporam, há indícios de outras aproximações, inclusive no nível de corpos que se dá pela linguagem, das interartes, da cultura, da literatura, como pretendemos mostrar nesse estudo. Dito isso, vamos, a partir de agora, determo-nos numa discussão mais de ordem conceitual, visando sistematizar a questão da presença do(s) corpo(s) na teorização comparatista biográfica-fronteiriça que embasa o trabalho como um todo.

Apesar de Clarice Lispector ter sido exaustivamente estudada, tanto no Brasil quanto fora, entendemos que quando nos valem de um aporte teórico pouco explorado ainda no Brasil, podemos propor leituras na diferença (des)colonial. A respeito do assunto, entre alguns poucos outros livros traduzidos e publicados no Brasil, mencionamos o livro *Histórias locais/Projetos Globais* (2003), de Walter Mignolo. Além do conceito de “diferença colonial”, o livro traz outros conceitos que são imprescindíveis para a sustentação de nossa discussão, como o de “exterioridade”, “gnose liminar”, “razão subalterna”, “fronteira”, entre outros. Essa presença conceitual aqui em questão, também ajuda a justificar a leitura que move este trabalho. Visando contornar o corpo fronteiriço e sua presença na escritura, afim de por em “comparação” com a inserção do bios e do lócus nos valendo dos postulados da Crítica biográfica fronteiriça, além, é claro, de estudos acerca do “corpo” propriamente dito. Conceitualmente, a crítica biográfica fronteiriza tem por preocupação:

*Dessa forma, a crítica fronteriza articulada das histórias locais tem o poder de barrar aqueles discursos críticos acadêmicos e científicos articulados nos grandes centros mais desenvolvidos em todos os sentidos (econômico, tecnológico, etc). Não é demais reconhecer que o homem da fronteira sul, ou melhor, o homem-fronteira, a exemplo dos brasiguaios, do andariego do pântano e do cerrado, do vaqueiro, andarilho, do pantaneiro, do refugiado, do deserdado, do forasteiro, do sem-terra, entre outros*



*sujeitos atravessados da região fronteira, demanda uma epistemologia (ou epistemologia outra) crítica visando que seu lócus de movimentação (de não-lugar) seja compreendido em toda sua extensão e problematização* (Nolasco, 2013, p. 78).

A relevância do estudo sobressai quando se pontua que o jogo da encenação das (inter)corporeidades, com todas suas variações, se inscreve neste trabalho como condição necessária para se pensar as práticas epistêmicas levadas a cabo em A hora da estrela. Entendemos, também, que os corpos fronteiriços, a exemplo do de Macabéa, são constituídos do seu “lócus de enunciação” (fronteira)<sup>2</sup>, demandando, por conseguinte, uma epistemologia outra que compreenda seu lócus de movimentação em toda sua extensão e problematização. Corpos como o de Macabéa não estão fora do lugar; antes, e pelo contrário, situam-se na margem do sistema e do próprio pensamento. (Entre parênteses, apenas pontuamos que já tivemos a oportunidade de começar a trabalhar a respeito do assunto em nosso recente trabalho de dissertação defendido (2020).

É nessa direção que lembramos como essencial para a discussão proposta a presença do “lócus de enunciação”, conforme reitera Ramón Grosfoguel: “o essencial aqui é o lócus da enunciação, ou seja, o lugar geopolítico e corpo-político do [indivíduo] que fala” (Grosfoguel, 2010, p. 46). Também Walter Mignolo, em Histórias locais/projetos globais (2003), partilha e defende da mesma ideia:

*“(...) uma das versões da teorização que antevijo e defendo é a de pensar a partir da fronteira e sob a perspectiva da subalternidade. Nesse caso, a partir da fronteira do conceito moderno de teoria e daquelas formas anônimas de pensamento silenciadas pelo moderno conceito de teoria: pensar teoricamente é dom e competência de seres humanos, não apenas de seres humanos que vivam em um certo período, em certos locais geográficos do planeta e falem um pequeno número de línguas específicas”* (Mignolo, 2003, p. 159).

Neste artigo, e sem desconsiderar a importância do lócus geostórico para uma reflexão assentada na visada descolonial, entendemos por “corpos fronteiriços” corpos que se lançam e se movimentam por fora do sistema colonial do pensamento (Mignolo, 2003; Grosfoguel, 2010; Sousa Santos, 2010). Nesse sentido, o corpo de Rodrigo S.M, o corpo de Macabéa e o corpo da escritora Clarice Lispector podem ser entendidos como corpos fronteiriços. compreendendo: Rodrigo S.M é um escritor subalterno, desconhecido, que precisa tratar de uma temática complexa, como a fome, e de um ser da óptica sociocultural, atravessada pelos legados coloniais, um ser desprezível como o de Macabéa, para ter alguma visibilidade. Macabéa é ignorante e ignorada em todos os sentidos, deixando a suspeita ao leitor se de fato existe. A figura que o ser Macabéa ocupa dentro da sociedade brasileira (e da narrativa do livro) é correlato ao que o discurso descolonial diz acerca da “inexistência” e da “ignorância”. Sobre a condição e lugar do primeiro, Boaventura de Sousa Santos observa: “Inexistência significa não existir sob qualquer forma de ser relevante ou compreensível.” (Santos, 2010, p. 32.) Não é demais lembrar que Macabéa não existe nem para seu próprio criador Rodrigo S.M. Na narrativa do livro, a morte, enquanto personagem principal ocupa a cena e fecha a narrativa. Já sobre a “ignorância”, o mesmo Boaventura esclarece:

Não existe uma unidade de conhecimento, como não existe uma unidade de ignorância. As formas de ignorância são tão heterogêneas e interdependentes quanto as formas de

---

<sup>2</sup> Mas compreende-se a importância em destaque que a fronteira da qual falo não é apenas física, mas também epistemológica e política.

conhecimento. [...] A ignorância só é uma forma desqualificada de ser e de fazer quando o que se aprende vale mais do que o que se esquece. (Santos, 2010, 56).

Já a escritora Clarice Lispector, se, por um lado, não precisava mais da notoriedade buscada por Rodrigo, por outro lado, permite, talvez pela primeira vez em toda sua vasta literatura, que o estudioso de sua obra a tome na chave do subalterno, ou melhor, do descolonial, ou fronteiriço. Talvez a proposição de tal leitura seja mais perceptível em *A hora da estrela*, por encontramos ali uma protagonista nordestina, mulher, pobre, mulata, subalterna e situada numa cidade toda feita contra ela. O corpo fronteiriço aqui pensado como produtor de saber é um corpo que (re)significa, por estar apoiado em seu lócus de enunciação sua própria história e memória subalterna latina.

Considerando o exposto, propomos teorizar acerca de um *corpo epistêmico fronteiriço* que se encena a partir da narrativa da novela, sem desconsiderar o fato de que o corpo do intelectual pesquisador também se insinua e se encena no jogo da teorização proposto no trabalho. Na verdade, há um jogo de intercorporeidades internas e externas encenando na reflexão teórica aqui almejada. É nessa direção que o conceito de “aliado hospitaleiro”, do filósofo brasileiro Juliano Garcia Pessanha (2018), nos ajuda nessa fundamentação teórica: Tudo depende da hospitalidade do aliado e da imersão no halo da atenção envolvente. E o que é um aliado hospitaleiro? Aliado hospitaleiro é aquele que permite ser devorado, canibalizado e criado pelo outro pólo no duo bipolar. O aliado hospitaleiro permite a confusão no tráfego de gestos e todo tipo de mergulho extático na área surreal da intercorporeidade. Aliado hospitaleiro é aquele que proíbe o uso do termo *objeto* para designá-lo e que não vê plágio e roubo por parte de seu em-frente. Nos duetos originários, o “roubo” é consentido, pois o outro é simultaneamente, outro e minha própria obra, isto é, eu mesmo (Pessanha, 2018, p. 71).

Ainda sobre a importância de nossa inquirição acerca de um corpo epistêmico fronteiriço a partir de nossa leitura do livro, e lembrando que tal corpo *esbarra* no projeto da modernidade, nossa teorização se sustenta naquele lugar, ou a partir daquele lugar o qual contempla a presença de todos os corpos excluídos (da exterioridade) do modelo de corpo moderno e do modelo de pensamento excludente defendido pelo sistema capitalista e mercadológico que impera no mundo e no pensamento. Nesse sentido, é preciso “aprender a desaprender, e aprender a reaprender a cada passo” (Mignolo, 2008, p. 305) com esses corpos *outros*. Em seu livro *Desobediencia epistémica* (2010), ao tratar acerca da teorização política da gramática da descolonialidade, Mignolo vota a afirmar:

*Por lo tanto, el primer paso en la gramática de la descolonialidad podría ser dado, utilizando una expresión procedente de los documentos de la Universidad Intercultural de los Pueblos Indígenas del Ecuador, mediante el “aprender a desaprender, para poder así re-aprender”. Dussel e Fanon nos dan dos puntos de partida sólidos para hacerlo, el primero relacionado con la geopolítica epistémica y el segundo con la corpo-política epistémica.* (Mignolo, 2010, p. 98)

Para pensarmos o(s) corpo(s) epistêmico(s) que se encena(m) na escritura do livro, é preciso entender que “o corpo é lugar de arquivo e memória” (Bessa-Oliveira, 2018, p. 5). Para tanto, vamos nos valer do conceito de “arquivo”, de *Mal de arquivo* (2001), de Jacques Derrida. Para o filósofo “[...] o arquivo tem lugar em lugar da falta originária e estrutural da chamada memória (Derrida, 2001, p. 22). Portanto, arquivo e memória caminham juntos na leitura do livro, mesmo que na diferença. Sobre isso, Coracini pontua:

*[...] a memória é constituída de um sem-número de espectros, de fantasmas, de espíritos se assim quisermos, de fragmentos de sujeitos que atravessa(ra)m nossa existência e que vão constituindo arquivos, ora mais, ora menos organizados, segundo a função que desempenha(ra)m na vida de cada um. Na maior parte das vezes, eles se misturam, se combinam, se confundem, constituem uma rede, fios emaranhados, cuja origem heterogênea e híbrida permanece, desconhecida, no inconsciente. (Coracini, 2010, p.129).*

Arquivo, mais do que memória, e pensando conceitualmente, está para a vida e para a morte, ou melhor, ou, por conseguinte, para a sobrevivida. E é de sobrevivida e sobre corpos que trata o livro *A hora da estrela*. A morte é quase a personagem predileta da narrativa. Enfim, corpos e indivíduos ali se sobrepõem e se intercorporam, embaralhando a presença e a nomeação do que quer que seja. Corpo pobre, feminino, mulato, faminto e famélico se insinua na ordem do discurso, à espera de ser estudado pela ótica da visada descolonial.

---

## REFERÊNCIAS

- Anzaldúa, G. (2007). *Borderlands/la frontera: the new mestiza*. São Francisco: Aunt Lute Books.
- Bessa-Oliveira, M. (2018). “Corpos” da exterioridade nas arte visuais: processos criativos barrados por/em fronteiras. In: . *Disciplina de Artes Visuais – texto-tema das aulas de Artes Visuais do 1º ano da Graduação do Curso de Artes Cênicas – UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UUCG – Unidade Campo Grande*. Campo Grande, MS.
- Candido, A. (1993). *Literatura comparada*. In: CANDIDO. *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Coracini, M. (2010). A memória em Derrida: uma questão de arquivo e sobre vida. In *CARDERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: Crítica biográfica*. v. 2, n. 4. Campo Grande: Editora UFMS.
- Derrida, J. (2001). *Mal dearquivo: uma impressão Freudiana*. Trad.Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Grosfoguel, R. (2010). “Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais”. In: SANTOS, Boaventura de Sousa, MENESES, Maria Paula (org.) *Epistemologias do Sul*.
- Lispector, C. (2020). *A hora da estrela*. Rio de Janeiro. ed. Rocco.
- Mignolo, W. (2003). *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Tradução: Solange Ribeiro de Oliveira. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- \_\_\_\_\_. (2011). *El vuelco de la razón: diferencia colonial y pensamiento fronterizo*. Buenos Aires: Ediciones del signo.
- \_\_\_\_\_. (2008). *Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política*. *Cadernos de Letras da UFF: Dossiê: Literatura, língua e identidade*, n.34. Disponível em: [www.uff.br/cadernosdeletrasuff/34/traducao.pdf](http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/34/traducao.pdf). Acesso em: 08 de fev. de 2019.
- \_\_\_\_\_. (2018). *¿Podemos pensar los no-europeos?: ética decolonial y geopolíticas del conocer*. Walter Mignolo; compilado por Facundo Giuliano. 1a ed. – Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Ediciones del Signo.
- \_\_\_\_\_. (2010). *Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad, lógica de colonialidad y gramática de (Colección Razón política) la descolonialidad*. Buenos Aires: Ediciones del Signo.
- Nolasco, E. (2013). *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*. São Carlos. SP: Pedro & João Editores, 2013.
- \_\_\_\_\_. (2020). *Paisagens descoloniais*. *REVISTA DE ARTES VISUAIS (UNICAMP)*, n.11, v. 6.
- \_\_\_\_\_. (2021). *A hora da(s) estrela(s)* Clarice &Macabéa: fora da literatura, dentro da realidade. Ed. Campinas, SP: PontesEditore.
- Pessanha, J. (2018). *Recusa do não-lugar*. São Paulo: UBU Editora.
- Quijano, A. (2010). *Colonialidade do poder e classificação Social* In: SANTOS, Boaventura de Souza, MENESES, Maria Paula (orgs). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez Editores.



Santos, Boaventura de Sousa. (2010) Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (org.). Epistemologias do sul. São Paulo: Cortez.

Waldman, B. (2003). Entre passos e rastros. São Paulo: Perspectiva; FAPESP; Associação Universitária de Cultura Judaica.

---